

# POR QUE NEGATIVO?

*Tire a peruca*

**CHESTERTON *apud* ROBERTO BOLAÑO**

Por que lançar mais uma revista? Pôr mais palavras e imagens num mundo delas tão saturado? Mundo (tempo?) em que a visibilidade extrema concorre, não raro, para as mais variadas formas de invisibilidade.

Não temos certa uma resposta a essa pergunta, talvez porque para nós tenha chegado o tempo de formulá-la, mas não ainda o de lhe dar resposta.

Pode ser que essas palavras e imagens, como tantas outras, caiam no vazio. No vazio dos diálogos escassos. No vazio que fica, muitas vezes, de tantas falas que não dizem nada. No vazio de muitas publicações que não fazem (muito) mais do que dizer que é sempre possível dizer alguma coisa – mesmo que só para “produzir” ou passar o tempo; para dar ou ter algo para ler, ainda que a leitura nos diga pouco, quando não, nada.

Por isso, a despeito do tom pragmático, a resposta que aqui ensaiamos nada tem de enfático: lançamos *Negativo* porque ela nos parece necessária. E “nós”, no caso, é um pronome com muitas faces e pelo menos dois lados.

Como editores, por um lado, somos um grupo de oito pessoas reunido, *grosso modo*, a partir de meados de 2011 em torno de um projeto de extensão do Departamento de Filosofia (FIL/UnB) que tinha (e continua a ter) em seu centro um cineclubes: o CineBeijoca. Daí uma dimensão, *forte* (aqui metonímica e hoje praticamente metafórica), do nome *Negativo*, que não faz assim tanto tempo remetia ainda à materialidade algo encantada da

película de cinema – razão, mas também acaso, que deu a liga do grupo. Grupo pequeno mas diverso o bastante para ter enquanto “coletivo” uma série de dúvidas – a começar pelo básico: se o que nos move e une são as diferenças ou uma identidade.

Como Conselho Editorial, por outro lado, *Negativo* reúne um conjunto também bastante diverso de intelectuais, professores (de várias áreas e universidades), cineastas e atores cujo traço comum mais saliente é o fato de participar, colaborar, dar força ou botar fé no trabalho realizado (ou a se realizar), tanto no cineclubes quanto a partir da redação da revista.

E para voltar à necessidade da mesma, referida há pouco, é preciso dizer que ela surge de uma percepção da universidade e da cidade de Brasília que também só ganha corpo com os trabalhos do Beijoca. Trabalhos variados: de curadoria, organização de mostras, condução de debates, esforço de divulgação e busca de financiamento, que nos puseram em contato nos últimos dois anos com professores e alunos como nós, mas também com outros funcionários públicos, com administradores, burocratas, críticos, cineastas, jornalistas, produtores, médicos, militantes, assentados e grupos indígenas. Um universo que talvez não tenha sido lá tão grande do ponto de vista numérico, mas que nos mostrou de vários modos quão estreitos eram os limites da vida “disciplinar” no campus e quão restritos eram os espaços de discussão horizontal e aberta, seja na “comunidade UnB”, seja na que gravita e, para o bem e o mal, se constitui a partir do “centro” Brasília. Nesse sentido, a negação evocada por esse título não é para nós simplesmente uma noção teórica e abstrata, mas algo constitutivo. E isso em pelo menos dois pontos: negamos a compartimentação e segmentação dos saberes, reivindicando uma interdisciplinaridade que já estruturava o projeto de fundação da Universidade de Brasília, além de fazer parte de qualquer discussão interessante sobre cinema, e negamos a hierarquização das competências que, ao postular no fundo uma desigualdade de inteligências, repõe no âmbito universitário desigualdades inominadas e seculares.

Se é verdade que a universidade hoje em parte se constitui – como Brasília ontem se constituiu – como um espaço segmentado, com fronteiras que definem algumas partilhas possíveis e uma série de exclusões necessárias, não por isso ela deve deixar de ser um espaço tensionado pelo debate e pelo embate que, ao negarem parcela do existente, mostram o que ele também carrega como possibilidade. *Negativo*, nosso trabalho é, também aqui, militar para constituição desse espaço. Para retomar um fala duplamente reiterada em nosso dossiê: queremos cozinhar, não apenas comer.

